

## LENIN E O SEU LEGADO HISTÓRICO, 150 ANOS DEPOIS

## LENIN Y SU LEGADO HISTÓRICO, 150 AÑOS DESPUÉS

## LENIN AND HIS HISTORICAL LEGACY, 150 YEARS LATER

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i2.39011>

Mauro Iasi<sup>1</sup>

O volume 12, número 2 da revista **Germinal: marxismo e educação em debate** traz, como parte integrante do dossiê em homenagem aos 150 anos de Lenin, uma entrevista com Mauro Iasi, professor da Escola de Serviço Social da UFRJ, educador popular, poeta, militante, colunista do blog da Boitempo e redator de dezenas de artigos, capítulos de livros e livros, dos quais destacamos **O dilema de Hamlet** (Viramundo, 2002), **As metaformoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento** (Expressão Popular, 2006), **As ruas: poemas e reflexões pedestre** (Instituto Caio Prado Jr., 2014), **Política, Estado e ideologia** (Instituto Caio Prado Jr., 2017) e **A estratégia democrático-popular: um inventário crítico** (Lutas anticapital, 2019), co-organizado com Isabel Mansur Figueiredo e Victor Neves.

A equipe editorial da revista conversou com Mauro Iasi no início de setembro de 2020 e, abaixo, leitoras e leitores poderão conferir o resultado da entrevista que traz reflexões críticas e anti-dogmáticas, a melhor maneira para homenagearmos Lenin, segundo o nosso entrevistado.

**Germinal: Nesta celebração de 150 anos de Lenin, como podemos sintetizar sua importância para o movimento histórico da Revolução Russa ao longo de toda a sua duração?**

**Mauro Iasi:** Pensar sobre Lenin é pensar sobre o papel da liderança no processo revolucionário. Diante do triunfo da Revolução Russa e sua importância, é natural que se valorize os aspectos heroicos de um personagem e acabemos por idealizá-lo. Vladimir Ilitch foi um dos muitos personagens de uma época marcada pela esperança de mudança e crise de um mundo antigo que precisava ser superado. Os indivíduos representativos são aqueles que logram expressar de forma mais nítida em sua personalidade e sua ação as características e exigências de sua época. Lenin nasceu em 1870, seu pai era um funcionário do Estado czarista e sua mãe professora, estudou direito (onde tem os primeiros contatos com as obras de Marx e Engels), era fluente em alemão, inglês e francês, ou seja, tinha tudo para ser um membro

proeminente na burocracia da época. A prisão e depois execução de seu irmão mais velho que lutava contra o czarismo marcou profundamente o jovem de 19 anos, fazendo com que sua bagagem e capacidade teórica se deslocassem a serviço da transformação revolucionária.

Capacidade teórica e uma constante ação revolucionária, desde os círculos de estudo do marxismo, a fundação do POSDR, o exílio, a revolução de 1905, a luta interna no partido e a formação da facção bolchevique, vão constituindo a liderança de Lenin e aprimorando sua capacidade dirigente. Este não é um processo linear e muito menos harmonioso, são conhecidas suas divergências e polêmicas ácidas e duras, muitas vezes com aliados e amigos, como é o caso de Martov e mesmo suas referências como Plekhanov ou Kautski.

Creio que a síntese produzida na personalidade de Vladimir Ilitch foi decisiva para que, nos diferentes momentos da revolução russa, a liderança de Lenin fosse o meio pelo qual a diversidade de compreensões e posições sobre a realidade e o caminho político a seguir encontrassem a direção correta. Lenin elevou a dialética marxista ao patamar de um método político e organizativo capaz de, em uma situação muito adversa, encontrar o caminho da transformação social de caráter proletário. Tal fato leva a crença, infundada, de sua infalibilidade, o que é um absurdo, uma vez que são os equívocos e erros, assim como a capacidade de corrigi-los e enfrentá-los, que constroem os caminhos históricos.

Lenin não tinha, a princípio, a exata dimensão do papel do segmento militar que foi adquirindo através dos acontecimentos de 1905 e, principalmente, dos primeiros meses de 1917, se confrontou com Trotski no debate sobre o desfecho da insurreição e a necessidade de buscar o apoio político dos soviets, assim como insistiu na gestão técnica de um homem só contra os argumentos de Alexandra Kollontai e a oposição operária. Lembro destes episódios porque são momentos em que o líder estava, ao meu ver, equivocado, mas, o que nos chama a atenção é que, apesar da dureza e firmeza do debate, as soluções encontradas sempre apontavam sínteses nas quais as posições com que debatia acabam participando do caminho prático proposto.

Talvez seja este o aspecto menos compreendido no processo que se seguiu na construção da experiência socialista soviética. A transformação de Lenin na figura messiânica e infalível, critério de verdade e autenticidade marxista, a dogmatização positivista de seu pensamento, operada principalmente no período stalinista, expurga a dialética do pensamento de Lenin e com isso sua principal riqueza.

**G.: A Revolução Russa foi uma espécie de farol para movimentos de emancipação nacional e revoluções socialistas na periferia do mercado mundial. Qual foi a importância de Lenin na expansão das revoluções socialistas nos países dependentes? E hoje, como pensar Lenin *desde el sur*?**

**M.I.:** Lenin pensava o marxismo como meio para compreender sua própria realidade e os caminhos da transformação na situação concreta em que se encontrava. Neste sentido se choca com os dogmas presentes na Segunda Internacional, com a visão economicista segundo a qual o desenvolvimento das forças produtivas levaria ao capitalismo e só assim a possibilidade da revolução proletária. Lenin vê a

possibilidade da revolução como uma síntese entre fatores objetivos e subjetivos, portanto, o desenvolvimento econômico e suas contradições constituem o terreno no qual os sujeitos políticos desenvolvem sua capacidade organizativa e de luta. Um e outro fator podem se desenvolver de forma desigual e, uma vez compreendidos no quadro geral de uma certa totalidade histórica, abrir possibilidades que podem e devem ser aproveitadas, daí a ousadia de empreender uma revolução socialista na Rússia. Entretanto, é bom que se diga, Lenin tinha a convicção que a ação na Rússia atrasada só se efetivaria no quadro de uma revolução mundial, passando, por exemplo, pela Alemanha. Os dois aspectos desta aproximação ganham unidade teórica e política na tese de Lenin sobre o imperialismo.

Esta postura abriu a possibilidade do marxismo converter-se em uma teoria da revolução nos países e que as contradições coloniais e neocoloniais tornavam possível revoluções de caráter proletário.

Interessante notar que é exatamente aí que o marxismo revolucionário tornou-se mais eficaz historicamente no século XX, como comprovam a própria revolução Russa, a Revolução Chinesa e Cubana, assim como as lutas anticoloniais na África e Ásia.

Hoje, com um modo de produção especificamente capitalista desenvolvido mundialmente e em crise, Lenin volta a ser o caminho para pensar a segunda premissa, ou seja, que estes processos revolucionários nas correntes débeis do imperialismo devem se articular com as lutas no centro do sistema em crise na perspectiva da revolução mundial.

**G.: Na obra *O Estado e a revolução* (1917), Lenin traz uma importante reflexão sobre o caráter coercitivo e de dominação de classe do Estado, resgatando formulações clássicas de Marx e Engels. Na época atual, como podemos resgatar o debate leninista para entender as novas configurações do Estado burguês?**

**M.I.:** Creio que uma das principais contribuições de Lenin reside em sua compreensão sobre o Estado, presente não só, mas principalmente em seu livro *O Estado e a revolução*. Partindo de uma leitura exegética dos textos de Marx e Engels sobre o tema para encarar um problema concreto da luta de classes na Rússia (a decisão de participar no Governo provisório formado após a queda do Czar), o texto ganha um caráter mais universal pelo fato que a tendência do Estado burguês no século XX foi conduzir a um amoldamento da luta proletária nos limites de uma institucionalidade burguesa, isto é, a crença social-democrata segundo a qual seria possível a transformação socialista resultar de um longo processo de reformas graduais comandadas pela máquina de Estado dirigida por forças progressistas.

As considerações de Lenin, precisas no resgate dos fundamentos de uma teoria de Estado em Marx, colocam questões que parecem terem sido confirmadas pela prática histórica, não apenas pela experiência soviética de construção de um Estado Proletário, como pelo impasse das experiências alemãs em 1919, o ulterior desenvolvimento da social-democracia europeia, no desenlace dramático da revolução Chilena e, o que nos interessa particularmente, no caráter da experiência de conciliação de classes do petismo no Brasil.

Isto não quer dizer que o Estado, a luta de classes e a ação proletária não devam considerar o caráter histórico e as mudanças no cenário onde temos que atuar, mas que estas adequações não podem esquecer nunca que se trata de formas distintas do Estado Burguês e que isto implica em seu caráter de classe e na necessidade da ruptura revolucionária capaz de substituir o Estado existente por um de novo tipo. A experiência histórica comprovou que aqueles que assim procederam sobreviveram, ainda que para deformar-se mais adiante, enquanto que os que se iludiram com uma suposta neutralização do caráter de classe do Estado Burguês encontraram a derrota ou no máximo um meio mais harmonioso de perpetuar a ordem do capital por um tempo.

É necessário afirmar que *O Estado e a revolução* não é uma contribuição valiosa apenas para o combate ao reformismo, mas coloca questões seríssimas, algumas delas ainda sem resposta, sobre o caráter da transição e suas contradições. A relação da Ditadura do Proletariado com a democracia, o controle operário, a burocratização, são questões que ali se apresentavam e que creio sejam ainda da maior atualidade.

**G.:** Após a queda do Muro de Berlim, o fim da URSS e da crítica pós-moderna dos chamados novos movimentos sociais, o partido político, como forma de organização da classe trabalhadora, foi intensamente atacado e criticado. Quais os limites e as possibilidades de discutirmos, a partir do legado do livro *O que fazer?* (1902), a forma partido na atualidade?

**M.I.:** É interessante notar que aqui também se apresenta a postura que vimos em outras obras citadas. Lenin está profundamente envolvido em um debate russo, apresentado no contexto que separa o primeiro do segundo Congresso do POSDR e que passa pela discussão sobre as formas organizativas, o caráter do programa e da estratégia da revolução. Qualquer leitor, animado pelo título (que foi na verdade inspirado em uma obra de Nicolai Thernicheviski escrito em 1862), vai se deparar com um texto repleto de nomes, organizações e episódios da candente conjuntura russa do início do século. Uma leitura mais atenta, no entanto, fará saltar à vista, elementos muito conhecidos por todos nós. A ênfase em práticas imediatas, no trabalho artesanal deslocado da compreensão do cenário histórico mais amplo no qual se inserem, a ilusão nas formas legais de disputa e na amplitude da adesão de segmentos de massa e a dificuldade em dar organicidade a ação política revolucionária, o problema da consciência de classe e das diferentes formas de sua manifestação, a questão da comunicação e da imprensa revolucionária, a centralização ou descentralização das decisões, entre tantas outras.

O que ocorre é que a queda da URSS e suas consequências, a fase atual da crise do capital e da luta de classes, traz um elemento ideológico que precisamos compreender. Para a ordem do capital é essencial transformar a sua crise em crise geral da humanidade, invertendo a questão e apresentando como crise das alternativas anticapitalistas. As experiências socialistas apresentaram problemas próprios da transição, se reverteram em Estados burocráticos, passaram por contrarrevoluções e restaurações capitalistas, problemas sérios que precisam ser compreendidos profundamente. Mas foram revoluções, deram passos importantes para a superação da ordem do capital, equilibraram a correlação de forças

mundiais, inclusive militar, por boa parte do século XX, por isso é necessário para a ordem, ao mesmo tempo que cobre as experiências com um manto de invisibilidade os problemas da transição, retornar as origens para sentenciar que tudo se explica pela impossibilidade da revolução pelos meios que os processos reais alcançaram a vitória.

Ideologicamente a pós-modernidade foi essencial para isso. A crítica às chamadas metanarrativas, a redução de tudo à aleatoriedade dos jogos de linguagem, a diluição dos centros reais de poder (econômico, político, cultural, etc.) e sua substituição por redes de sistemas e subsistemas de dominação, não articulados em nenhuma totalidade, contribuíram como pano de fundo ideológico para os mitos contemporâneos do fim do trabalho, a perda da centralidade das classes e com isso as formas políticas e organizativas da ação de classe.

Um “não sistema” só pode ser enfrentado por um “não sujeito”, que se sustenta pela negação de toda e qualquer mediação, organizativa, política ou revolucionária, seja ora pela crença na explosão espontânea de massas, seja pela negação individual e narcisista de construir para si mesmo um discurso que constitua uma realidade alternativa onde se exilar do mundo.

Procuo compreender tal manifestação ideal como expressão de um dos momentos do ser da classe. Ao contrário do que imaginam alguns, a classe não tem uma existência dada, nem sociológica, nem econômica. A classe é um ser social que se faz no processo de luta de classes, ora apresentando-se como a serialidade de indivíduos, ora como classe em luta contra as manifestações mais aparentes da ordem do capital e em certas condições, como um sujeito histórico capaz de apresentar uma alternativa societária. A pós-modernidade é expressão ideológica da crise do capital e da crise da classe trabalhadora como sujeito, reduzida novamente à serialidade e à fragmentação. É a transformação de nossos impasses e contradições em virtude: não é que estamos fragmentados e divididos em cápsulas individuais, meio de amoldamento a uma ordem capitalista, com grandes dificuldades em encontrar e desenvolver formas de organização capazes de enfrentar nossos adversários, destruir o Estado Burguês e construir os passos de uma transição ao comunismo; tudo isso são narrativas e discursos, somos indivíduos livres, empoderados e empreendedores, que podem por seus méritos e esforços, superar a subalternidade rumo a posições mais favoráveis na sociedade de consumo (de mercadorias e bens simbólicos). Uma outra possibilidade é assumir uma posição aparentemente crítica, negando tudo e todos, comprovando a falta de sentido desta compulsão por subir na escala social podre. Mas, de qualquer forma, o que está interdita é a possibilidade de mudar este mundo em que podemos ascender socialmente ou criticar usando plataformas digitais que constituem em grandes monopólios que visam lucros, mas isto seria supor que atrás do universo dos jogos de linguagem existiria um sistema a ser combatido.

**G.: Hoje, mais ou menos um século depois da publicação da brochura *Imperialismo: fase superior do capitalismo* (1917), quais são os elementos de atualidade desta contribuição? E como você vê a atual controvérsia sobre novo imperialismo, mundialização do capital, capital-imperialismo, etc.?**

**M.I.:** O ensaio de Lenin sobre o imperialismo, na verdade um texto de divulgação de um longo estudo sobre o tema, é um livro essencial. Não se trata de uma mera reflexão sobre a etapa atual do modo de produção capitalista, mas da base analítica necessária para buscar as mediações e um processo revolucionário mundial. O cerne desta reflexão é a polêmica com Kautski e seu conceito de imperialismo. Enquanto o marxista alemão via o imperialismo como uma política das nações industrializadas para submeter formações sociais agrárias, Lenin desvenda o imperialismo como resultado do desenvolvimento dos monopólios, da fusão entre o capital industrial e bancário formando o capital financeiro e a centralidade da exportação de capitais e não apenas de mercadorias.

O que parece uma mera discordância conjuntural tem grandes implicações políticas no que tange à estratégia. Caso Kautski estivesse certo, o imperialismo jogava no sentido de travar o desenvolvimento e expansão do capitalismo em suas áreas de influência, ao passo que para Lenin a exportação de capitais desenvolve e universaliza o capitalismo, ainda que articulado de forma subordinada ao modo de produção mundial. Para o primeiro trata-se de alianças com burguesias nacionais para enfrentar o imperialismo, para Lenin é a era da revolução proletária.

Do início do século XX para hoje o modo de produção capitalista mudou muito, é inegável. Entretanto, estamos diante de um capitalismo fundado em monopólios no seu mais avançado grau de desenvolvimento, resultado de uma profunda centralização e concentração de meios de produção e capitais, no qual o caráter financeiro e parasitário é ainda mais evidente. Um modo de produção, no qual a exportação de capitais e a necessária partilha e repartilha do mundo em áreas de influência ou plataformas de ação imperialista, é uma realidade constante e determinante da geopolítica mundial. Um cenário no qual o espaço para revoluções nacionais burguesas clássicas se fechou e os desafios abertos apontam para a necessária ruptura de caráter anticapitalista e proletário.

Uma das características do capital-imperialismo hoje é que ele transita pelas formações sociais através de mediações políticas e financeiras muita mais complexas que precisam ser compreendidas. Vivemos a era da subordinação real do trabalho ao capital e isto tem implicações políticas. O capital pode se dar ao luxo de descentralizar a produção e, em parte o controle, porque a vida só pode se reproduzir submetida aos ditames do processo de acumulação. Neste cenário a dependência se aprofunda e pode se reproduzir em formações sociais com aparente autonomia e, muitas vezes, com posturas aparentemente “anticapitalistas” como em grande medida verificamos na China e Rússia, mas também no Vietnã e Venezuela.

Neste sentido o estudo de Lenin é uma base essencial para pensar o mundo de hoje e nossos desafios, ao mesmo tempo que é uma reflexão de um contexto bem determinado historicamente, de forma que é preciso atenção para identificar e separar uma e outra dimensão.

**G.:** Como o legado de Lenin pode nos ajudar a entender e enfrentar a conjuntura atual de crise capitalista potencializada por uma pandemia? É possível dizer que a categoria teórica de situação

**revolucionária contribui na tarefa de desvendarmos, por meio de análises concretas de situações concretas, a crise capitalista atual?**

**M.I.:** A pandemia atua de forma contraditória. Encontrando o modo de produção capitalista em crise, a pandemia tem funcionado como um grande processo de queima de capitais e, com isso, gera as condições para a retomada das taxas de lucro. Entretanto, nenhuma crise econômica ocorre sem que se combine em maior ou menor grau com processos de crise política. O esgotamento do longo ciclo chamado de “neoliberal” tem apresentado uma inflexão de direita como alternativa às formas políticas próprios do ciclo que se encerra.

As situações revolucionárias são expressão, no âmbito da luta de classes, das crises, indicando que as formas políticas que até então serviram às classes dominantes precisam ser alteradas, abrindo cisões entre estes segmentos no momento em que a materialidade empurra as massas para reações, enfrentamentos e ações independentes.

Não podemos entender o desfecho destas situações de forma mecânica, este é a principal reflexão de Lenin: nem toda situação revolucionária leva à revolução. As crises quando não são acompanhadas de condições subjetivas, que implicam a organização e capacidade das forças revolucionárias atuarem no momento inevitável de ruptura das velhas formas, podem levar a reciclagens conservadoras e reacionárias da ordem, como foi o caso do nazifascismo e parece ser o tom geral da conjuntura atual.

**G.: Para finalizarmos, professor Mauro: como a práxis revolucionária de Lenin pode contribuir na construção de um “horizonte de humanidade”? O que podemos apontar neste sentido?**

**M.I.:** Vivemos a época da revolução proletária e socialista, ainda que em um momento em que as aparências e a ofensiva ideológica a considerem encerrada. O eclipsar da alternativa revolucionária e socialista colocou o mundo e seu futuro não em uma rota alternativa, simultaneamente à barbárie do capital e ao socialismo, como esperavam toda sorte de reformistas e os ideólogos da pós-modernidade. Mas, na atualização de uma distopia assustadora do ponto de vista humano. A reversão do patamar ético de convivência da humanidade, como mostra de forma contundente a crise dos imigrantes na velha Europa, a ascensão de governos de extrema direita (EUA, Hungria, Brasil, etc.) e com eles a intolerância, a violência o aprofundamento da manipulação e do irracionalismo, tudo isso aponta para o fato que a ausência de uma perspectiva de classe e revolucionária que se funde na compreensão que é necessário socializar os meios de produção, desenvolver novas formas de propriedade social e suas consequentes transformações nas esferas políticas, cultural e em todo o tecido social, deixa a humanidade diante do dilema de submeter a barbárie do capital tendo como únicas alternativas realizar esta submissão de forma crítica ou na sua fanática e irracional defesa.

Lenin, em toda sua contraditoriedade, com seus erros e acertos, é para nós o exemplo, que o caminho da emancipação tem que ser trilhado na precisa compreensão da situação real na qual estamos inseridos, sem perder de vista em nenhum momento a dimensão estratégica que aponta para a superação

radical daquilo que está estabelecido como real. Tal postura nos leva a entender uma das características centrais do personagem: flexibilidade tática e firmeza estratégica.

Por último, mas não menos importante, resgatar o exemplo e a memória de Lenin, passa, também, pela superação da deformação que faz com que muitos camaradas assumam religiosamente a defesa do leninismo, muitas vezes contra os ensinamentos concretos do próprio Lenin, numa espécie de idolatria fetichista que se pode ser compreendida em fanáticos religiosos que dizendo defender a vida cultuam a morte, ou em liberais empenhados na estadolatria, não deveria caber naqueles que se pretendam marxistas.

Brecht, em um belo poema, descreve o dilema do povoado de Kujan Bulak na URSS que vivendo um surto de febre resolvem utilizar o dinheiro arrecadado para construir busto em honra do camarada Lenin para combater o mosquito que transmitiam a febre. Diz o poeta que assim procedendo, mais que homenagear Lenin eles o haviam compreendido.

Espero que nós, ao homenagear o legado deste grande camarada, nos empenhemos mais ainda em compreendê-lo.

---

### **Notas**

<sup>1</sup> Professor Associado da Escola de Serviço Social da UFRJ e lotado no Departamento de Política Social e Serviço Social Aplicado. Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Participa do Núcleo de Estudos e Pesquisas Marxistas (NEPEM - ESS/UFRJ). Educador popular do NEP 13 de Maio.